

Ursula Anne Matthias*

STEIN, Edith. O que é fenomenologia?¹
Tradução do artigo *Was ist Phänomenologie?*
(1924), segundo o texto publicado em ESGÄ
(Edith Stein Gesamtausgabe), vol. 9, texto 5,
p. 85-90.

Nas colunas deste jornal já foram publicados vários escritos sobre a fenomenologia e os fenomenólogos, a propósito dos quais eu gostaria de ter dito alguma palavra. Assim, recentemente, notei que *Husserl* foi chamado de *neokantiano*, em associação direta com <Heinrich> *Rickert*, com o qual ele não tem muito mais a ver do que o fato de ser seu sucessor na cátedra de Friburgo – um fato que significava uma revolução na vida filosófica de Friburgo. Aqui me parecem ser oportunas algumas observações esclarecedoras.

<Elementos históricos>

Em primeiro lugar, diremos algo sobre a *surgimento da escola fenomenológica*. O seu fundador é *Edmund Husserl*; este dado não deve ser ofuscado pelo fato de que, logo em seguida, partindo de ideias afins e fortemente influenciado por Husserl, no entanto, movido por vários impulsos diversos, um grupo próprio irmanado a² *Max Scheler* causou mais sensação no grande público do que a atuação do rigoroso pesquisador Husserl.

Querer atribuir um lugar a Husserl dentro dos moldes das escolas filosóficas tradicionais é um esforço vão. A filosofia moderna se divide em dois grandes campos: a filosofia *católica*, que dá continuidade às grandes tradições da escolástica, principalmente a de *S. Tomas*, bem como a filosofia que enfaticamente se denomina moderna, que começa com a Renascença, culmina em *Kant* e hoje se encontra fragmentada em toda uma série de interpretações diversas e de ulteriores desenvolvimentos da doutrina kantiana. Estes dois campos, até há poucos anos, não se interessaram muito um pelo outro. O não católico não costumava

* Doutora e Professora de Filosofia.

¹ <Primeira publicação em: *Wissenschaft Volksbildung – Wissenschaftliche Beilage zur Neuen Pfälzischen Landes-Zeitung* (Formação científica do povo – Suplemento científico para o Jornal novo da região do palatinado), n. 5, do 15 de maio de 1924.> Tradução: Ursula Anne Matthias, Universidade Federal do Ceará. Agradeço ao professor Dr. Fernando de Ribeiro de Moraes Barros pela ajuda competente na correção do texto. As observações, notas e acréscimos entre <> não são do texto original, mas dos editores da Edição ESGÄ em alemão, Beate Beckmann-Zöllner e Hans-Reiner Sepp, quando seguidas pela sigla “n.d.t.”, são da tradutora para o português.

² <no original: eine (uma)>

estudar a escolástica, assim como o estudante católico médio não costumava estudar Kant. Somente nos últimos anos, abriu-se o caminho, cada vez mais, ao reconhecimento de que esta dupla forma de registro dos caminhos da filosofia não convém a longo prazo. E em círculos não católicos, ninguém mais do que Husserl contribuiu para preparar o terreno para tal reconhecimento – mesmo sem que ele se propusesse isso como objetivo.

Ele próprio não cresceu em nenhum dos dois campos. Ele era matemático, trabalhou como assistente de <Karl Theodor Wilhelm> Weierstraß em Berlim e teve, como discípulo da mais rigorosa de todas as ciências, um certo menosprezo para a filosofia, a qual sequer lhe parecia ser uma ciência. Isto mudou quando – depois de seu³ doutoramento – assistiu em Viena às aulas de *Franz Brentano*. Ali percebeu o espírito da rigorosa cientificidade e se sentiu movido a conhecer a filosofia mais de perto. Tornou-se discípulo de Brentano, e, mesmo se este último percorreu os seus próprios caminhos, o espírito da escolástica marcou o seu pensamento. E deste modo mostram-se aqui certas conexões entre a *philosophia perennis*⁴ e o ramo moderníssimo da filosofia, aparentemente sem predecessores. Todavia, isso diz respeito apenas ao espírito do filosofar, pois Husserl não levou consigo nenhuma doutrina particular. Quando ele começou a filosofar de forma autônoma, não se deixou guiar por quaisquer escritos anteriores, mas sim pelos problemas mesmos. Em primeiro lugar, sentiu-se instigado por esclarecer filosoficamente os conceitos fundamentais da ciência com a qual se tinha ocupado até então, a matemática: a sua primeira obra foi a *Filosofia da Aritmética*.⁵ A partir daí, o caminho o conduziu, seguindo o nexos objetivo dos problemas, com grande naturalidade até às questões fundamentais da lógica. E assim nasceu na década seguinte a grande obra que consolidou a fama mundial de Husserl: as *Investigações Lógicas* (HALLE, 1900/1901).⁶ Nesta obra, ele já empregou, muito conscientemente, um método novo, próprio, que ele chamou de *fenomenológico*. Apresentou este método de forma sistemática somente muito depois, nas *Ideias para uma Fenomenologia Pura e Filosofia Fenomenológica* (HALLE, 1913).⁷ No intervalo entre a publicação destas duas obras, vivendo em Halle como *Privatdozent* (livre-docente), Husserl foi chamado para a cátedra em *Gottinga*, e, nesta cidade, juntou-se em volta dele um círculo de discípulos, do qual surgiu pouco tempo depois uma série de colaboradores capacitados. Em vista das publicações desta escola e dos pesquisadores próximos – além de *M<ax> Scheler* antes de tudo os filósofos de Munique *A<lexander> Pfänder* e *M<oritz> Geiger*⁸ – foi fundada no ano de 1913 o *Jahrbuch für Philosophie und phänomenologische Forschung* (Anuário para

³ <No original: einer (de uma).>

⁴ <*Philosophia perennis* (lat.): filosofia sempre válida.>

⁵ <Husserl, Edmund. *Philosophie der Arithmetik. Logische und psychologische Untersuchungen*, Halle/Saale 1891 (=Hua XII, ed. Lothar Eley, Den Haag 1970).>

⁶ <Husserl, Edmund. *Logische Untersuchungen. Erster Theil: Prolegomena zur reinen Logik*, Halle/Saale 1900 (=Hua XVIII, ed. Elmar Holenstein, Den Haag 1975); *Logische Untersuchungen. Zweiter Theil: Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis*, Halle/Saale 1901 (=Hua XIX/1, 2, ed. Ursula Panzer, The Hague/Boston/Lancaster 1984).>

⁷ <Husserl, Edmund. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie. Erstes Buch: Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie*, Jahrbuch für Philosophie und phänomenologische Forschung 1 (1930) 1 – 323 (= Hua III/1,2, ed. Karl Schuhman, Den Haag 1975).>

⁸ <O quinto editor dos primeiros volumes do *Jahrbuch* foi Adolf Reinach.>

Filosofia e Pesquisa Fenomenológica), do qual vieram a lume até agora⁹ seis volumes (junto de M^{ax} Niemeyer em Halle). No ano de 1916, Husserl foi chamado a *Friburgo em Breisgau*, onde exerce desde o final da guerra¹⁰ novamente uma extensa atividade docente. Os resultados das suas pesquisas da última década ainda não foram publicados.

<Sobre o método>

Isto é o que basta quanto à história da fenomenologia. Diremos agora algo sobre a *particularidade de seu método*.

Em primeiro lugar, cabe uma observação prévia sobre o nome¹¹. Ele é uma verdadeira fatalidade, pois quase sempre dá motivo para mal-entendidos. De fato, aos fenomenólogos não interessa os “fenômenos” no sentido usual, as “meras aparências”, mas, justamente, as essencialidades¹² últimas objetivas. Mas o nome consagrou-se nos últimos 20 anos e não pode mais ser abandonado.

No que concerne o método, não pode ser dada uma introdução no sentido próprio de forma sucinta. Aquele que quiser conhecê-lo, deverá estudá-lo por conta própria, com base nas obras fundamentais. Gostaria de destacar apenas alguns pontos característicos, no intuito de esclarecer de algum modo a relação entre a fenomenologia e as duas principais orientações da filosofia, mencionadas por mim no início: a orientação escolástica tradicional e a orientação kantiana.

A objetividade do conhecimento

É o mérito histórico das *Investigações Lógicas* de Husserl - um mérito reconhecido mesmo por aqueles que não conseguiram familiarizar-se com o seu método - ter mostrado em toda pureza a *ideia da verdade absoluta* e a do *conhecimento objetivo* que lhe corresponde e ter denunciado profundamente todos os relativismos da filosofia moderna: o naturalismo, o psicologismo, o historicismo. O espírito *encontra* a verdade, ele não a *produz*. E ela é *eterna* - se muda a natureza humana, se muda o organismo psíquico, se muda o espírito dos tempos, então podem bem mudar as opiniões dos homens, mas a verdade não muda.

Isto significava um retorno às grandes tradições da filosofia, e assim foi que logo depois ressoou, da parte dos detratados, o grito: isto é platonismo! Isto é aristotelismo! Isto é uma nova escolástica! (o que nestes círculos era tido como uma refutação). Mas, entre os filósofos sérios, se valoriza desde então a ideia do conhecimento objetivo. Até os kantianos tratam de mostrar de que também eles podem reclamar esta ideia. E ninguém mais quer ser um psicologista.

⁹ <até 1924, n.d.t.>

¹⁰ <desde o final da 1ª guerra mundial (1918), n.d.t.>

¹¹ <o nome “fenomenologia”, n.d.t.>

¹² <*Wesenheiten* (n.d.t.)>

A intuição

O novo método possui uma particularidade que não permite classificá-lo, sem equívoco, junto a qualquer um dos grandes nomes do passado, apesar de que este método certamente foi praticado por todos os grandes filósofos; desde que se faz filosofia no mundo. Trata-se do seu caráter intuitivo. O que isso significa? A filosofia – na concepção dos fenomenólogos – *não é uma ciência dedutiva*; ela não deduz os seus teoremas – como faz a matemática – a partir de um número finito de axiomas, de princípios que não podem ser demonstrados, em cadeias ininterrompidas de demonstrações conforme as leis da lógica. O número das verdades filosóficas é infinito, e, em princípio, podem ser encontradas sempre novas verdades, sem que estas sejam deduzidas logicamente a partir das verdades já conhecidas. Sendo assim, poderíamos inclinar-nos a considerar que o modelo da fenomenologia seja o método das ciências naturais, o qual alcança as verdades universais pelo caminho indireto – elevando-se a elas a partir dos fatos proporcionados pela experiência sensível. Mas sequer esse é o caso. A filosofia não é tampouco uma ciência indutiva. A indução e a dedução, de certo modo, podem auxiliá-la na obtenção do seu material e na apresentação dos seus resultados, mas o seu instrumento específico é um procedimento *sui generis*¹³, um *conhecer intuitivo* das verdades filosóficas, as quais são certas – “evidentes” – em si mesmas e não necessitam deduzir-se de outras. Esta intuição, esta visão espiritual, não deve ser confundida com a intuição mística. Ela não é uma iluminação sobrenatural, senão que um meio de conhecimento natural, como é também a percepção sensível; é o meio de conhecimento específico das verdades ideais, assim como a percepção sensível é o meio de conhecimento específico dos fatos do mundo material. Ela não é uma intuição mística, mas, mesmo assim, possui certa afinidade com esta última; de certo modo, ela é a imagem desta no âmbito do conhecimento natural.

Desenvolvendo e aplicando sistematicamente o conhecimento intuitivo, e dando ênfase teórica a ele, a fenomenologia se afasta ao mesmo tempo da filosofia kantiana e da tradição aristotélico-tomista. Alguns pontos de convergência encontram-se em Platão e na orientação neoplatônico-agostiniana-franciscana da filosofia e da teologia eclesiástica da Idade Média.

O idealismo

Como é possível que, apesar das diferenças radicais entre a filosofia fenomenológica e a kantiana, ainda há quem encontra pontos em comum entre ambas? Prescindindo dos elementos comuns que devem ser encontrados em toda filosofia, *enquanto* filosofia, a causa disso está no *idealismo husserliano*. (Na linguagem filosófica idealismo significa a concepção que supõe uma dependência do mundo em relação a uma consciência em ato.) Já nas *Ideias*¹⁴ encontra-se a ominosa proposição: “Se cancelarmos a consciência, cancelamos o mundo”¹⁵. Nos

¹³ <*Sui generis* (lat.) de modo próprio.>

¹⁴ <*Ideias para uma Fenomenologia Pura e Filosofia Fenomenológica* (HALLE, 1913), n.d.t.>

¹⁵ <cf. *Ideen I*, Hua III/1, 104: “[...] *kein reales Sein*, kein solches, das sich bewußtseinsmäßig durch Erscheinungen darstellt und ausweist, ist für das *Sein des Bewußtseins selbst* [...] notwendig.” “*Die Welt der transzendenten ‘res’ sei ‘auf*

últimos anos, esta convicção idealista de fundo alcançou um significado cada vez mais central para Husserl. Esta convicção, de fato, traz uma aproximação a Kant e uma diferença radical diante da filosofia católica, a qual estabelece que o mundo possui autonomia ontológica. Mas, esta ¹⁶concepção idealista encontrou seus primeiros opositores entre os discípulos de Husserl em Gottinga, como também em Scheler e nos já citados pesquisadores de Munique. Ele mesmo costumava ressaltar no passado – não sei se o faz ainda hoje, pois não tenho falado com ele há alguns anos – que “a fenomenologia não depende do idealismo”. No meu entendimento, o idealismo é uma convicção metafísica fundamental e individual e não um resultado incontestável da pesquisa fenomenológica. Quem quiser se convencer de que é possível desenvolver, com os meios do método fenomenológico, uma filosofia rigorosamente objetiva e com uma tendência realista de fundo, leia os trabalhos dos discípulos mais importantes de Husserl: *Adolf Reinach* (*Gesammelte Schriften*, Halle 1921) e *Hedwig Conrad-Martius*, Bergzabern (“*Zur Ontologie und Erscheinungslehre der realen Außenwelt*¹⁷”, no 3.º volume e “*Realontologie*¹⁸”, no 6.º volume do anuário mencionado;¹⁹ *Metaphysische Gespräche*,²⁰ Halle 1921). Quanto aos escritos do próprio Husserl, temos que ressaltar que aquela convicção metafísica aparece em poucos parágrafos e não afeta o principal de sua obra. E esta obra possui uma importância cujo alcance ainda não somos capazes de medir. Mas quem se dedica, com atitude verdadeiramente filosófica, ao estudo mesmo que seja somente uma só das “Investigações Lógicas” ou um só capítulo das *Ideias*, não poderá se subtrair da impressão de ter nas mãos uma daquelas obras primas clássicas com as quais começa uma nova época na história da filosofia.

Sobre a autora

Ursula Anne Matthias

Doutora e Professora de Filosofia da UFC – E-mail: ursula_matthias@yahoo.com.br

Recebido em 10/5/2018

Aprovado em 20/9/2018

Como referenciar esse artigo

STEIN, Edith. O que é fenomenologia? Tradução de Ursula Anne Matthias. *Argumentos: Revista de Filosofia*, ano 10, n. 20, p. 215-219, jul.-dez. 2018. Título original: Was ist phänomenologie? (1924) In: ESGA (Edith Stein Gesamtausgabe), v. 9, texto 5, p. 85-90.

Bewußtsein [...] *angewiesen*.” (“[...] nenhum ser real, nenhum ser que se manifesta e se identifica na consciência através de aparições é necessário [...] para o ser da própria consciência.” “O mundo da ‘coisa’ transcendente” dependeria [...] “da consciência.”) >

¹⁶ <obras, n.d.t.>

¹⁷ <Sobre a ontologia e a doutrina da aparição do mundo externo efetivo, n.d.t.>

¹⁸ <Ontologia real, n.d.t.>

¹⁹ <*Jahrbuch für Philosophie und Phänomenologische Forschung* (Anuário para Filosofia e Pesquisa Fenomenológica), v. 3 (1916) p. 346-542; v. 6 (1923), p. 159-333.>

²⁰ <Debates metafísicos, n.d.t.>